**Perfil epidemiológico de mortalidade por aborto no Brasil**

Camila Puton1\*, Bárbara Custódio Rodrigues da Silva1, Bárbara de Magalhães Souza Gomes1, Luiza Ferro Marques Moraes1, Wanessa Medeiros Pimenta1, Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva2.

1Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Curso de Medicina – Goiânia – GO

2Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Docente de Medicina – Goiânia – GO

\*Autor correspondente: camilaputon@hotmail.com

**Introdução:** O abortamento é entendido como a interrupção da gravidez antes de atingida a viabilidade fetal. A Organização Mundial da Saúde estabelece, como limite para caracterizá-lo, a perda de conceptos de até 22 semanas ou 500 gramas. As palavras “abortamento” e “aborto”, algumas vezes, são utilizadas como sinônimos, porém “abortamento” refere-se ao procedimento e “aborto”, ao produto eliminado. O aborto pode ser natural, acidental, criminoso, legal ou permitido. Salvos os casos de estupro, indicação médica (quando a gravidez traz risco de vida para a mulher) ou quando o feto não possui condições de sobreviver, como anencefalia, o aborto, no Brasil, é ilegal. Porém, a criminalização não impede que 1 milhão de abortos induzidos aconteçam, muitos deles de forma clandestina. Por não haver fiscalização, essas práticas podem acabar impactando a saúde pública, levando à hospitalização de mais de 250 mil mulheres, por ano, cerca de 15 mil complicações e 5 mil internações de muita gravidade. O aborto inseguro causou a morte de 203 mulheres, em 2016, o que representa uma morte a cada 2 dias. Nos últimos 10 anos, foram duas mil mortes maternas por esse motivo, segundo o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). O perfil social de mulheres, que mais morrem por aborto, no Brasil, é o de negras, jovens, solteiras e com até o ensino fundamental. **Objetivos:** Traçar o perfil epidemiológico e social, considerando a faixa etária e a região demográfica, do aborto, no Brasil. **Métodos:** Pesquisa epidemiológica descritiva quantitativa, em que foi utilizada a plataforma DATASUS para obtenção dos dados. A análise foi feita a partir da busca do número de óbitos, por residência, em decorrência de qualquer tipo de aborto, segundo faixa etária e região, no período de 2015 a 2018. **Resultados:** A região que mais apresentou óbitos, por aborto, foi a Sudeste, seguida das regiões Nordeste e Norte. Em todas as regiões, a faixa etária mais acometida foi a de 20 a 29 anos, exceto na região Sudeste, onde a que se sobressaiu foi a de 30 a 39 anos. Uma observação importante é que a região que apresentou maior número de mortes, por aborto, na faixa etária dos 10 a 14 anos foi o Nordeste, sendo, também, a região a apresentar maior taxa de óbitos na faixa etária dos 40 a 49 anos. **Conclusão:** Levando em consideração a distribuição da população entre as regiões brasileiras, nota-se número de óbitos elevado na região Nordeste, além de possuir faixa etária mais ampla na sua distribuição de casos. Ao comparar os dados do DATASUS com os dados do Cofen, nota-se que há uma subnotificação desses casos na plataforma do DATASUS, demonstrando a necessidade de maior atenção a essas pacientes.

**Palavras-chave:**aborto, epidemiologia, subnotificação

**Referências**:

Morais, L. R. (2008). A legislação sobre o aborto e seu impacto na saúde da mulhes. *Senatus*, *6*(1), 50–58.

Complexo, C. (n.d.). *CASO COMPLEXO 4 Maria do Socorro Fundamentação Teórica: Abortamento*.

Fan, M., Li, M., Gao, L., Geng, S., Wang, J., Wang, Y., Yan, Z., & Yu, L. (2017). *Chimeric antigen receptors for adoptive T cell therapy in acute myeloid leukemia*. 1–14. https://doi.org/10.1186/s13045-017-0519-7